

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



HISTÓRICO DE INVASÃO E ECOLOGIA DO CARAMUJO AFRICANO *ACHATINA FULICA* (BOWDICH, 1822) NO BRASIL

Victoria Shirley Vasques Fernandes Azevedo¹, Gabriel de Lima Pereira²,
Gabriela Paise³

O caramujo africano é considerado uma espécie exótica e invasora, sendo considerada uma das 100 piores espécies invasoras do mundo, devido sua grande capacidade de proliferação, podendo colocar por desova de 40 a 500 ovos. Os objetivos do estudo foram: Avaliar o histórico de chegada ao Brasil, a ecologia e as doenças causadas pela espécie. O estudo foi realizado através de revisão bibliográfica nas bases Scielo, Scopus e Web of Science. Foram consultadas 56 bibliografias durante o período de julho a novembro de 2022. O *Achatina fulica* (Bowdich, 1822), mais conhecido popularmente por “caramujo africano” tem sua origem na África e foi trazido para o Brasil em meados de 1980. A chegada ao Brasil teve início no estado do Paraná como uma opção de substituir o “escargot” *Helix pomatia* (Linneus, 1758), que é na maioria das vezes muito bem consumido pelos brasileiros. Para a maioria dos comerciantes trazer a *A. fulica* para o Brasil foi uma forma de ganhar dinheiro rápido. Porém, como a carne não agradou o paladar brasileiro, esses animais foram praticamente soltos, com grande proliferação, gerando uma grande infestação. Atualmente o caramujo africano pode ser encontrado em 23 estados brasileiros. São bastante resistentes tanto a períodos de seca quanto ao período chuvoso. São considerados pragas agrícolas, pois a espécie tem ocorrido em plantações de verduras (hortaliças), além de se alimentarem de folhas, flores e frutos de muitas espécies vegetais. Podem também se alimentar de qualquer outro tipo de resíduos como papéis e plásticos e até mesmo de fezes de outros animais. São transmissores de doenças como a meningoencefalite eosinofílica e angiostrongilíase abdominal. A contaminação ocorre pelo consumo humano de hortaliças contaminadas com muco do animal e/ou pelo manuseio do animal. No Brasil foram registrados 34 casos de meningite eosinofílica em pacientes de Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e no Rio Grande do Sul. Na região do Cariri, em Juazeiro do Norte, Ceará, foi relatado um caso

¹ Universidade Regional do Cariri, email: vasquesfernandes.victoria@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, email: gabriel.delima@urca.br

³ Universidade Regional do Cariri, email: gabriela.paise@urca.br

de meningite eosinofílica em um menino de nove anos, dando entrada em 2019 no Hospital Infantil Maria Amélia, com queixa de cefaléia e febre há 12 dias, com relatos de irritação na meníngea. Atualmente há uma grande preocupação por parte de órgãos governamentais em se conhecer a extensão do problema em todo o Brasil. O conhecimento dos habitats preferenciais e distribuição em diferentes biomas são os primeiros passos para o embasamento de programas de manejo, controle e de educação ambiental permitindo assim, que sejam tomadas medidas direcionadas.

Palavras chaves: Zoonoses; Gastrópodes; Espécies exóticas; Meningite; Controle populacional.

Agradecimentos: Laboratório de Ecologia de Mamíferos da Universidade Regional do Cariri - URCA.